

A ACELERAÇÃO CONTEMPORÂNEA: TEMPO MUNDO E ESPAÇO MUNDO*

Milton Santos

1- A aceleração contemporânea

Acelerações são momentos culminantes na História, como se abrigassem forças concentradas, explodindo para criarem o novo. A marcha do tempo, de que falava Michelet no prefácio à sua História do Século 19, é marcada por essas grandes perturbações aparentemente sem sentido. Daí, a cada época, malgrado a certeza de que se atingiu um paramar definitivo, as reações de admiração ou de medo diante do inusitado e a dificuldade para entender os novos esquemas e para encontrar um novo sistema de conceitos que expressem a nova ordem em gestação.

A aceleração contemporânea não escapa a esse fado. Ela é tanto mais susceptível de ser um objeto da construção de metáforas porque, para repetir Jacques Attali, vivemos plenamente a época dos signos, após havermos vivido o tempo dos deuses, o tempo do corpo e o tempo das máquinas. Os símbolos baralham, porque tomam o lugar das coisas verdadeiras.

A primeira tentação é a de, outra vez, nos tornarmos, como na aceleração precedente, adoradores, dubitativos ou firmes, da velocidade. Esta última espantou os que viram surgir a estrada de ferro e o navio a vapor e, depois, viveram o fim do século 19 e o já logínquo começo do século 20, com a invenção e a difusão do automovel, do avião, do telégrafo sem fio e do cabo submarino, do telefone e do rádio.

Mas, porque limitar a aceleração à velocidade "stricto-sensu"? A aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das ideias, mas, também, acrescentou novos itens à história. Junto com uma nova evolução das potências e

* Conferência por ocasião da abertura do Encontro Internacional "O Novo Mapa do Mundo", Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1º de setembro de 1992.

dos rendimentos, com o uso de novos materiais e de novas formas de energia, o domínio mais completo do espectro electro-magnético, a expansão demográfica (a população mundial triplica entre 1650 e 1900, e triplica de novo entre 1900 e 1984), a explosão urbana e a explosão do consumo, o crescimento exponencial do número de objetos e do arsenal de palavras.

Mas, sobretudo, causa próxima ou remota de tudo isso, a evolução do conhecimento, maravilha do nosso tempo que ilumina ou ensombrece todas as facetas do acontecer.

A aceleração contemporânea é, por isso mesmo, um resultado também da banalização da invenção, do perecimento prematuro dos engenhos e de sua sucessão alucinante. São, na verdade, acelerações superpostas, concomitantes, as que hoje assistimos. Daí a sensação de um presente que foge.

Esse efêmero não é uma criação exclusiva da velocidade, mas de outra vertigem, trazida com o império da imagen e a forma como, através da engenharia das comunicações, ao serviço da mídia, ela é engendrada, um arranjo deliberadamente destinado a impedir que se imponham a ideia de duração e a lógica da sucessão.

Este tempo de paradoxos altera a percepção da História e desorienta os espiritos, abrindo terreno para o reino da metáfora de que hoje se valem os discursos recentes sobre o Tempo e o Espaço.

Falta, certamente, agora, aceitar o desafio conceitual. A aceleração contemporânea tem de ser vista como um momento coerente da História. Para entendê-la, é necessário e urgente reconstruir, no espírito, os elementos que formam a nossa época e a distinguem de outras.

2- Tempo Mundo. Espaço Mundo

Pode-se imaginar um Tempo Mundo cujo outro seria um Espaço Mundo? Um Espaço Mundo resultante do desdobramento do Tempo Mundo?

Para isso, seria necessário que esse Tempo Mundo realmente existisse. E o Mundo também. Ora, nós sabemos que o Mundo só o é para os outros, mas não para ele próprio, pois só existe como latência.

Há, hoje, um relógio mundial, fruto do progresso técnico, mas o Tempo-Mundo é abstrato, exceto como Relação.

Temos, sem dúvida, um tempo universal, tempo despótico, instrumento de medida hegemônico, que comanda o tempo dos outros. Esse tempo despótico é responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes, mas convergentes. Nesse sentido todos os tempos são globais, mas não há um tempo mundial.

O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, sinão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há um espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares.

O que existe mesmo são temporalidades hegemônicas e temporalidades não hegemônicas, ou hegemônicas. As primeiras são o vector da ação dos agentes hegemônicos da economia, da política e da cultura, da sociedade enfim. Os outros agentes sociais, hegemônicos pelos primeiros, devem se contentar de tempos mais lentos.

Quanto ao espaço, ele também se adapta à nova era. Atualizar-se é sinônimo de adotar os componentes que fazem de uma determinada fração do território o locus de atividades de produção e de troca de alto nível e por isso consideradas mundiais. Esses lugares são espaços hegemônicos, onde se instalam as forças que regulam a ação em outros lugares.

3- Tecno-esfera e Psico-esfera

Assim feito, o espaço pode ser entrevisto através da tecno-esfera e da psico-esfera que, juntos, formam o meio técnico-científico.

A tecno-esfera é o resultado da crescente artificialização do meio ambiente. A esfera natural é crescentemente substituída por uma esfera técnica, na cidade e no campo.

A psico-esfera é o resultado das crenças, desejos, vontades e hábitos que inspiram comportamentos filosóficos e práticos, as relações interpessoais e a comunhão com o Universo.

Ambos são frutos do artifício e desse modo subordinados à lei dos que impõem as mudanças.

O meio geográfico, que já foi "meio natural" e "meio técnico" é, hoje, tendencialmente, um "meio técnico-científico". Esse meio técnico-científico é muito mais presente como psico-esfera que como tecno-esfera.

Vejamos o caso do Brasil. Como tecno-esfera, o meio técnico-científico se dá como fenômeno contínuo na maior parte do Sudeste e do Sul, desbordando para grande parte do Mato Grosso do Sul. Como psico-esfera, ele é o domínio do país inteiro. Ambos esses fatos têm profundas repercussões na prática econômica, e nos comportamentos sociais e políticos, constituindo uma base nova para o entendimento do processo de regionalização do país.

Podemos, igualmente, propor uma outra forma de regionalizar, a partir da noção de racionalidade. Hoje, graças aos progressos técnicos e à aceleração contemporânea, os espaços nacionais podem, também, grosseiramente, dividir-se em, de um lado, os espaços da racionalidade e, de outro lado, outros espaços. É evidente que, como sempre, situações intermediárias são muito numerosas. O caminho secular que conduziu a sociedade humana à necessidade cotidiana de medida, padronização, ordem e racionalização, hoje não é mais exclusivo da esfera da ação estudada por cientistas sociais não geógrafos. Hoje, o próprio espaço, o meio técnico-científico, apresenta-se com idêntico conteúdo de racionalidade, graças à intencionalidade na escolha dos seus objetos, cuja localização mais do que antes, é funcional aos designios dos atores sociais capazes de uma ação racional. Essa matematização do espaço o torna propício à uma matematização da vida social, conforme aos interesses hegemônicos. Assim se instalam, ao mesmo tempo, não só as

condições do maior lucro possível para os mais fortes, mas, também, as condições para a maior ação possível, para todos. Através do espaço, a mundialização, em sua forma perversa, empobrece e aleja.

4- Racionalidade, fluidez, competitividade

Nesses espaços da racionalidade, o mercado é tornado tirânico e o Estado tende a ser impotente. Tudo é disposto para que os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos. Por isso, também, o Estado deve ser enfraquecido, para deixar campo livre (e desimpedido) à ação soberana do mercado.

Não é a toa que as palavras de ordem do presente período são a fluidez e a competitividade, estimuladas de fora das sociedades implicadas e instaladas pela sedução das teorias ou pela violência da moeda.

A exigência de fluidez manda baixar fronteiras, melhorar os transportes e comunicações, eliminar os obstáculos à circulação do dinheiro (ainda que a das mercadorias possam ficar para depois), suprimir as rugosidades hostis ao galope do capital hegemônico (transformação dos "ejidos" no México, ou dos latifúndios no Brasil, ambos condenados pelas grandes organizações mundiais financeiras).

A fluidez é a condição, mas a ação hegemônica se baseia na competitividade. Essa ideia já surge "com o seu evangelho, seus evangelistas e, também, sua igreja". Essa nova Bíblia é a WCI, isto é, o World Competitiveness Index, produzido pelo World Economic Forum, com a ajuda do Institute for Management Forum de Lausanne. Esse índice cobre 34 países e explorando 130 critérios, mede a competitividade das empresas e do entorno competitivo. (R. Petrella, 1991, p. 32)

Mais perto de nós, as cidades internacionais começam também a ser alinhadas segundo critérios criados para julgar de sua capacidade para competir com as demais, pela atração de atividades consideradas interessantes segundo empresários mais agressivos.

Sem a aceleração contemporânea, a competitividade que permeia o discurso e a ação dos governos e das grandes empresas não seria possível, nem seria viável sem os progressos técnicos recentes e sem a correspondente fluidez do espaço.

Nos tempos presentes, a competitividade toma como discurso o lugar que, no início do século, ocupava o Progresso e, no pós guerra, o Desenvolvimento. Antes, porém, o debate era filosófico, teleológico. A noção de progresso, lembra Daniel Halevy, comportava também a ideia de progresso moral.

O debate sobre o desenvolvimento e o subdesenvolvimento tinha um forte acento moral. A proposta do Padre Leuret para a fundação de um desenvolvimento humano é um grande exemplo dessa preocupação teleológica.

Mas a busca da competitividade, tal como apresentada por seus defensores - governantes, homens de negócio, funcionários internacionais - parece bastar-se a si mesma, não necessita qualquer justificativa ética, como, aliás, qualquer outra forma de violência. A competitividade é um outro nome para a guerra, desta vez uma guerra planetária, conduzida, na prática, pelas multinacionais, as chancelarias, a burocracia internacional, e com o apoio, às vezes ostensivo, de intelectuais de dentro e de fora da Universidade.

Como podemos, mesmo assim, admirar-nos de que, aqui e ali estourem guerras e corra o sangue, já que a Nova Ordem Mundial que se constroi é baseada numa competitividade sem limites morais?

5- Globalização e Fragmentação

As tentativas de construção de um mundo só, sempre conduziram a conflitos, porque se tem buscado unificar e não unir.

Uma coisa é um sistema de relações, em benefício do maior número, baseado nas possibilidades reais de um momento histórico; outra coisa é um sistema de relações hierárquico, construído para perpetuar um sub-sistema de dominação sobre outros subsistemas, em benefício de alguns. É esta última coisa o que existe.

Hoje, o que é federativo ao nível mundial não é uma vontade de liberdade, mas de dominação, não é o desejo de cooperação mas de competição, tudo isso exigindo um rígido esquema de organização que atravessa todos os rincões da vida humana. Com tais designios, o que globaliza falsifica, corrompe, desequilibra, destrói.

A dimensão mundial é o mercado. A dimensão mundial são as organizações ditas mundiais: instituições supranacionais, organizações internacionais, universidades mundiais, igrejas dissolventes, o mundo como fábrica de engano.

Quando o Mundo assim feito está em toda parte, o embate ancestral entre a necessidade e a liberdade dá-se pela luta entre uma organização coercitiva e o exercício da espontaneidade. O resultado é a fragmentação.

A dimensão fragmentada é a tribo -união de homens por suas semelhanças- e o lugar -união dos homens pela cooperação na diferença. A grande revolta se dá através do espaço, do lugar, ali onde a tribo descobre que não é isolada, nem pode estar só. Esse lugar tanto se pode chamar Ngoro Karabad como Los Angeles. O mundo da globalização doente é contrariado no lugar.

Desse modo, o lugar torna-se o mundo do veraz e da esperança; e o global, mediatizado por uma organização perversa, o lugar da falsidade e do engodo. Se o lugar nos engana, é por conta do mundo.

Nestas condições, o que globaliza separa; é o local que permite a união. Defina-se o lugar como a extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial, outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. O lugar, a região não são mais o fruto de uma solidariedade orgânica, mas de uma solidariedade regulada ou organizacional. Não importa que esta seja efêmera. Os fenômenos não se definem, apenas, pela sua duração, mas também e sobretudo, pela sua estrutura. E, afinal, o que é longo e o que é breve?

É pelo lugar que revemos o Mundo e ajustamos nossa interpretação pois, nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora.

O espaço aparece como um substrato que acolhe o novo, mas resiste às mundanças, guardando o vigor da herança material e cultural, a força do que é criado de dentro e resiste, força tranquila que espera, vigilante, a ocasião e a possibilidade de se levantar.

Os velhos cimentos tornam-se novos cimentos: linguas, religiões, culturas, modos de contemplar a Natureza, o Universo, modos de se ver e de ver os outros.

A base das grandes transformações do mapa mundial talvez se encontre nesse tipo de movimento. Da necessidade de um Estado abstrato com referência a si mesmo, chegamos à necessidade de um Estado concreto, reconciliado com as verdades profundas dos povos. Para Edgar Morin (1965, p. 73), teríamos chegado à "necessidade da Nação", para ele um "fenômeno ainda obscuro".

Mas o que é, hoje, a Nação?

Das nações que vem do Passado, sabemos algo. Elas frequentemente se confundem com um pedaço de território.

Das que se constituem diante de nossos olhos, o que sabemos? Serão, em terra estranha, o rearranjo e a reconstituição de antigas lealdades ou de atributos herdados? Será a cidade uma Nação?

Seja o que fôr, parece entretanto que a base da ação reativa é o espaço compartilhado no cotidiano.

Essas questões também levantam a questão da escala da ação eficaz baseada no espaço.

A pergunta, aliás, pode ser ainda mais atrevida e mais simples: onde a escala?

Cresce o divórcio entre a sede última da ação e o seu resultado. Nessas condições, a escala pode até existir. Mas nada tem

a ver com tamanho (a velha preocupação com as distâncias) nem com as contiguidades impostas por uma organização. Escala é tempo.

6- A 5a. dimensão do espaço: o cotidiano

O espaço ganhou uma nova dimensão: a espessura, a profundidade do acontecer, graças ao número e diversidade enormes dos objetos, isto é, fixos, de que hoje, é formado e ao número exponencial de ações, isto é, fluxos, que o atravessam. Essa é uma nova dimensão do espaço, uma verdadeira 5ª dimensão.

O tempo do cotidiano compartilhado é um tempo plural, o tempo dentro do tempo. Hoje isso não é apenas o fato da cidade, mas também do campo.

Em termos analíticos, a espacialização chama-se temporalização prática, que não exclui nenhum dos atores, para poder levar em conta o espaço que conta, isto é, o espaço banal, considerando todas as dimensões do acontecer. Ora, o acontecer é balizado pelo lugar, e nesse sentido é que se pode dizer que o tempo é determinado pelo espaço.

O cotidiano é essa 5a. dimensão do espaço e por isso deve ser objeto de interesse dos geógrafos, a quem cabe forjar os instrumentos correspondentes de análise.

Na verdade, o tempo e o espaço não se tornaram vazios ou fantasmagóricos como pensou A. Giddens, mas, ao contrário, por meio do lugar e do cotidiano, o tempo e o espaço, que contêm a variedade das coisas e das ações, também incluem a multiplicidade infinita de perspectivas. Basta não considerar o espaço como simples materialidade, isto é, o domínio da necessidade, mas como teatro obrigatório da ação, isto é, o domínio da liberdade.

A Vida não é um produto da Técnica mas da Política, a ação que dá sentido à materialidade.

Marcuse já dizia em 1970 (p. 62) em suas Cinco Conferências: "hoje temos a capacidade de transformar o mundo em

